



A PEROLA



REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

Dedicada ás damas vimearanenses



Redacção e Administração Rua do Conde D. Henrique, GUIMARÃES

Redactores: **H. S. Carvalho**
Redactor e Administrador,
Delphim G. S. G.

OFFICINA DE IMPRESSÃO
MINERVA, TYPOGRAPHIA GUISE
Guimarães

7 de MAIO de 1905

Preço da assignatura: anno 500 reis
Numero avulso 20 reis

Editor, **Gabriel Pereira de Mesquita**



A PRIMEIRA SETTA



I

Os ultimos raios do sol desmaiavam no limpido azul da atmospheria—uma tarde indolente de maio, Rosita passeiava por entre as rosas, regando-as, e mal se distinguia entre ellas, tantas eram e tão formosas.

No ambiente experimentava-se delicias, semelhantes a banho tepido e perfumado. A adoravel Rosita tinha na cutis a alvura do lirio, o leve rosado das rosas e d'ellas o macio das petalas. Airosa e modesta, colheu uma pequenina flôr de um dos fragantes canteiros do jardim.

Aspirando-lhe o rescendente aroma, ergueu meigos os olhos ao ceu, suggerindo-se a duvida se foi este que lhes deu ou roubou a côr pura da saphira.

Para em vez de duas se contarem trez, occultou a florsita no candido seio. Estonteara vê-o. Branco como os gelos dos polos; aveludado, como o doce cantar do rouxinol; quente, como a innocencia osculada que se ruboriza, era um paraizo no qual Adão se chamaria um beijo.

Se ella, pura e diaphana como era, voasse nas azas de um cysne, até Deus ledamente se enganaria, suppondo-a um anjo do ceu.

Meditativa e romanescamente melancholica, aproximou se do lago e com os deditos, que nas horas de estudo se confundiam no burneo teclado do piano, d'onde Rosita sabia arrancar os segredos da harmonia, agitou a agua, ondulando-a, como os seus fulvos e sedosos cabellos. Abandonando o frivolo brin-

quedo, reclinou-se n'um banco, e a scismar, a scismar, adormeceu.

II

Adormeceu!

Linda creança de doze annos! . . Deleita-se a brisa refrescando-a brandamente.

Dorme e sonha.

Em que pôde-sonhar a flôr nunca pendida pelo crvalho d'um primeiro desgosto? Sonharia, porventura, estar no ceu, rodeiada de muitos anjos, ajoelhada aos pés da Virgem, supplicando perdão de peccados, que não tinha nem conhecia, mas que eram da terra d'onde voára a sorrir? E a Rosita tinha nos labios innocentes divino sorriso encantador.

Não sonhava estar no ceu, e contudo era do ceu o somno de Rosita.

O que sonhava, pois?

Sonhava um pagem da sua idade, muito branco e muito loiro, de trage medieval e de uma elegancia sem par.

Um pagem sympathico, ajoelhado a seus pés microscopicos, que lhe segredava timidamente:

— Oh! minha fada!

Batendo-lhe o coração e incendando-se-lhe pudicamente as faces, Rosita murmurava:

— Foge!

— O pagem, porém, unindo as mãos, insistia:

— Amo te!

— Foge!

— Mais valera morrer!

— Foge!

— Dize que me amas e fugirei!

— Foge!

— Uma prova, um signal do teu amor, e fugirei, para sempre!

E a pequena fada, a tremer, tirou do seio a florsita e arremessou-a ao pagem, dizendo languidamente:

—Foge... Foge!

Mas o pagem em vez de fugir... feria-lhe levemente a epiderme com a primeira setta do amor.

O crescente envolvia a figura suave da gentil creança adormecida, em argente poeira. Por detraz d'ella um vulto de homem novo ainda curvando-se de vagar, collocou-lhe ternamente os labios no rosto.

—Um beijo!

Rosita ergueu-se de sobresalto exclamando

—Foge!

Mas, de repente, passando as mãos pelos olhos, solta uma gargalhada infantil, enrola nos braços o pescoço d'aquelle homem, e, beijando o muito na face, gorgeia vibrantemente estas palavras!

—Meu querido, meu querido pae!



O que é uma mãe



Fevereiro corria com as chuvas e frio proprios da epocha.

N'uma d'essas tardes de furta côres, a pequenita e encantadora Julia estava rindo e gritando, ao contemplar as suas companheiras que lá fora se divertiam.

Como o seu mais ardente desejo fosse ir ter com ellas, correu para onde estava sua mãe e, com voz acariciadora e meiga, assim lhe falou:

—Mãe! Mãesinha!... Eu queria ir brincar...

—Não, minha menina, não vaes, que póde chover e o Senhor raliar.

—Ah... deixe-me ir, mãesinha, que hoje não chove mais nem o Senhor ralha... Deixa-me ir que eu dou-lhe muitos abraços?...

—Pois sim vae, minha tolinha, vae... mas, se chover, foge logo para casa, sim?

—Sim, mãesinha, sim!

E a linda Julia, saltando de contentamento, dirigiu-se rapidamente para junto de suas companheiras, enquanto sua mãe ficava lidando nos serviços caseiros.

Depois de muitos folguedos e divertimentos, proprios d'aquelle encantadora e alegre idade, Julia foi pelos campos fóra com duas pequerruchas como ella.

Em poucos momentos, espessos nimboes escureceram a atmosfera e principiou de cahir granisero em grande quantidade, levantando-se as mesmo tempo forte ventania.

A pobre mãe, sobresaltada, vem á janella e não vendo sua filhinha, sem fazer caso da chuva nem do vento, desce a procural a por aqui e por allí, mas em vão.

N'um desespero doloroso, banhada em lagrimas, com uma voz em que se consubstanciava toda a ternura e amor d'uma mãe, invoca Aquella que é o amparo dos desgraçados e a consolação dos afflictos:

—O' Virgem Santissima! O' Virgem Mãe de Deus!... Valei-me, dai-me a minha querida filhinha!...

E, quando estava n'esta commovedora angustia, uma rapariga, que voltava a toda a pressa da fonte, vendo a n'aquelle estado, e adivinhando talvez a causa da sua inquietação, perguntou-lhe:

—Quer a menina, sr.^a Angela? Olhe que ella está toda molhadinha lá em baixo, na casa da madrinha!

Que allivio, que consolação, que doçura para o coração da boa mãe trouxeram estas palavras!...

Com a alma a transbordar de prazer e gratidão para Aquella que attendera os seus fervorosos rogos, levanta os olhos ao céu e exclama bem alto:

—Bem dita sejas ó Mãe do Salvador!

Uma mãe é assim.

J. P. de Lima



DELICIAS e AMOR



Era azul o ceo, era de oiro o sol!...

Um sol esplendido, vivificador, que expedia seus raios de fogo sobre as cearas.

De vez em quando, uma leve aragem vinha balouçar suavemente as comas dos arbustos.

Aqui e ali saltitavam sobre as flores, lindas avezinhas soltando suaves gorgeios.

A aragem da manhã levava a Leonor, que ainda se encontrava no leito, o perfume das plantas do seu jardim.

Eu rodeava a linda perspectiva da sua habitação, entertendo-me com os pequenos insectos que carinhosamente beijavam as petalas das flores, ouvindo o canto mavioso de uma linda toutinegra que soltava queixumes de namorados!

E Leonôr que tem um rosto tão suave, tão meigo, tão risonho como os dos anjos, foi despertada pelo canto da toutinegra, que, occulta na folhagem, cantava mui ternamente.

E com as faces ardentemente ruborizadas, abriu a janella do seu quarto, relanceou a vista e encára com o escolhido do seu coração!...

—Fernando!...

—Leonôr!...

Murmuremos n'um sorriso de amor ardentissimo.

Sahimos a respirar o ar puro da manhã!...

Leonôr trajava de azul e branco, como se o ceo lhe tivesse dado um retalho do seu man-

to, e o sol um beijo de luz prateada.

—Amas-me Leonor !...

—Se te amo !...Sinto-me transfigurada por este amor que me enlouquece, que me enche de jubilo e de satisfação íntima, que me faz voar o espirito para as regiões da phantasia, e d'ahi contemplar absorta o Universo na immensidade das suas scenas maravilhosas, no que elle tem de magestoso e sublime, de grandioso e divino, e afigura-se-me ver em tudo isto perfeitamente estampado, esse teu perfil risonho, ouvir no murmúrio da brisa essa tua vós tão meiga, e admirar na scintilação d'este sol que nos illumina o brilho insinuante d'esses teus olhos, d'onde dimanam filtros, magicos de amor! .

(CONTINUA)

H. S. Carvalho

No tumulto de meu thio

.....
O sabio não vae todo á sepultura,
Não morre inteiro o Justo, o Virtuoso.
Na memoria dos Homens brilha, e dura,

Enquanto o nescio, o inutil, o ocioso
Vão, ignoradas Victimás da Morte,
Sumir-se no sepulcro tenebrôso.

(Bocage)

Libitina avançou e a garra ferina
Cravou no coração d'esse velho austéro!
Aos poucos o laceiou, qual ave de rapina!
Serena e implacavel com'um tremendo Nêro!

Com um volvêr d'olhos mostrou-lhe o cemiteriô,
Com a ferrea mão apontou-lhe a sepultura,
Depois o envolveu em seu manto funéreo,
Farrapo cortado á noite triste e escura!

.....
Sua alma vi voár com'uma pomba mansa
A' região ethérea, á aurea eternidade,
E beijar sorridente as mãos do Creadôr!

E seu corpo cansado, na terra descança,
Regado pelo pranto da triste orphanidade,
'Scutando os choros dos que lhe tinham amor!

.....
Descança, pobre Thio, que a vida é um lamento
Que foge nas azas diaphanas do vento!

Delfim Guimarães

A TAÇA DA AMARGURA

"Ao sr. Guilherme J. Peixoto,

Como tudo por elle é fraco, é misero,
E' orfam de prazer!...

Inda bem que por elle acres saudades
Não terei ao morrer!

Jaz de meus dias esgotada a taça,
Longe os gôzos lá vão!
E qual tronco despido, arido e morto,
Fico na isolação!

Longe! tão longe!... oh Deus, que saudades,
Que tormentos sem fim!
Sonhos meus, onde sois?... Loucas esp'ranças!...
E viverei assim?!...

E viver poderei com repetir-lhe
Meu ferveroso ardôr,
Sem lhe ao vivo pintar em lingua d'anjos
Meu culto e meu amor?!...

E ella, ai de mim! tão linda, e tão mimosa
Norte dos olhos meus! .
E seus languidos olhos eloquentes
Que me pintam os céos!

E' tão linda e gentil!... oh Deus! perdel-a!...
E viver poderei!!...
Ella, dos sonhos meus a imagem pura;
Perdel-a... e viverei?!...

(Conquista)

Albertino R. Barroso



POESIA

A' Ex.^{ma} Senhora D. Maria Christina Pereira Ferraz

Ah! lembrás-te Christina d'esses dias
D'uma belleza ideal,
Quando junto de mim tu me sorrias
N'um sorriso d'amôr, franco e leal?

Era na praia... e o mar febrecitante
Tecendo uma caricia em cada beijo,
Vinha oscular-te a trança fluctuante
Murmurando um desejo...

E enquanto o sol corria ás gargalhadas
A desatar-se em ondas de fulgôr,
Na praia solitaria... de mãos dadas,
Fallavamos d'amôr...

Que dôces illusões, meigas e calmas
Como os sonhos das lindas creancinhas,
Iam tecer no azul as nossas almas,
Esvoaçando a par das andorinhas!

Que noites de luar, meiga Christina,
Quando a lua, subindo no infinito,
Nos lançava na sua luz divina,
Em cada olhar um meigo olhar bemdito,

Mas esses doces sonhos eram feitos
Do brilho das auroras virginaes...
Vi-os cahir em lagrimas desfeitos,
Só me resta a saudade... e nada mais.

Guimarães-20-4-902.

Carvalho Guise



AS MINHAS ILLUSÕES

III

As vagas da vida, a tormenta da dôr, arrojaram-me aos braços do desespero... Ah! as tempestades d'alma são cem vezes mais terríveis do que as do mar!... Para lutar contra ellas não ha braços sofficientemente poderosos, não ha animos que possam suster o nosso valôr... Ouve Luiza, ouve, unica illusão da minha vida!... Os medonhos embates das ondas do infortunio arremessaram-me ao deserto do desgosto; porém, n'esse deserto... n'esse terrível areal regado pelo pranto de todos os infelizes da terra, estou eu, eu que te adoro... eu que por ti suspiro delirantemente, eu que para ouvir uma phrase d'amor dos teus labios, daria a alma e a vida... tudo quanto possuo!... Eu, dou-te com os meus braços o conforto unico que te pode restar... bem a meus braços!... Não me expulses!...

Não me amas?... pois bem! veremos se as minhas phrases d'amôr e a minha constancia te fazem comprehender por fim que me deves amar, pois que o meu amôr é unicamente o que pode comprehender o teu...

As nossas almas estão cheias de paixão; mas de paixão voraz, avassaladora... paixão que só a comprehendem os entes capazes de a sentir!

(Conclue)

Albertino R. B.

A louca de Brito

(Continuação)

Lagrymas puras, lagrymas da alma! Aquellas lagrymas foram o balsamo da sua primeira compaixão, do amôr impossivel. oh! mas bem impossivel, que, n'um momento de piedade, senti por aquelle infeliz homem. ao vel-o chorar como uma creança, humilhado como um misero escravo.

Oh! o amôr!... o amôr!...

E o pobre Rodolpho corre, corre atravez do arvoredado sem destino, até que, já cansado, senta-se em um relvoso môrro do monte, vertendo copiosas lagrymas por a mulher que tanto ama.

E as folhas dos ramudos robles balouçando se ao sabôr da branda viração, murmuram umas para as outras:

—Coitado! chora porque a ingrata não o ama, coitado!...

VI

São cinco horas da tarde do dia 28 de abril.

Phebo, como um manso cordeiro, espargue os seus diamantinos raios sobre as multicôres campinas, cujos, mornos e entristecidos, beijam como n'um ultimo adeus, as mimosas violetas e os nevados malmequeres.

Os passaritos, batendo as debeis azitas, recolhem-se aos seus ninhos, cantando canções maviosas.

O ruído do dia envolve-se lentamente nas sombras negras da noite.

Um homem sentado no frio sólo do sombrio monte do *Ribeirinho*, com a cabeça pendida sobre o peito, dorme ou medita silenciosamente.

De repente sente que lhe tocam n'um hombro, levanta desanimadamente a cabeça e enxuga os olhos com as mangas do casaco, olhando como um louco a pessoa que o accorda d'aquelle somno transformado em sonhos horriveis, torturantes.

Suspira meneando a cabeça e diz fracamente:

—Ah! João. João, como eu soffro, como sou tão desgraçado!

O personagem a quem Rodolpho chama João, porque é elle, o nosso Rodolpho, que, sem se poder agarrar ao trabalho, pensa ali, em Leonôr, n'aquella mulher que o não ama, indireita-se d'um salto, franse o sobr'olho e pergunta aparvalhadamente:

—Hein?... desgraçado tu?! E soffres muito?!... Mas .. quaes as razões?... Falla, homem...

—Pois não sabes, meu amigo, as razões do meu soffrimento? Não sabes que amo Leonôr... filha da...

—O que?... —interrompeu João—amas Leonôr? Será verdade, Santo Deus!... Ah! desgraçado de mim!...

E, todo tremulo, mette a mão á algibeira, tira uma carta, e atira com ella para longe de si, com tedio, pedindo ao mesmo tempo:

—Perdão para um innocente!

Rodolpho apanha-a suffocado, solta um rugido de leão ao lançar-se sobre a presa e rasga o envelope anhelante.

Eis o que elle lê:

Meu Julio

«Hoje, á meia-noite, vem, sem falta. Eis-me resolvida a acompanhar-te para onde queiras. «Rodolpho, esse homem miseravel que detesto, persegue me, e eu não o posso supportar...

«Porisso vem, que eu serei tua, serei o teu anjo, o anjo que tanto adoras.

Tua:
Leonôr

(Continua)

Delfim Guimarães